

Estudos de historiografia linguística portuguesa

Sónia Duarte
Rogelio Ponce de León
ORGS.

Porto, FLUP, 2019

FICHA TÉCNICA

TÍTULO: Estudos de historiografia linguística portuguesa

ORGANIZAÇÃO: Sónia Duarte, Rogelio Ponce de León

EDIÇÃO: Faculdade de Letras da Universidade do Porto e CLUP - Centro de Linguística da Universidade do Porto

ANO DE EDIÇÃO: Impresso em maio de 2019

COLEÇÃO: FLUP e-DITA

EXECUÇÃO GRÁFICA: Gráfica Firmeza Lda. / Porto

TIRAGEM: 100 exemplares

DEPÓSITO LEGAL: 455686/19

ISBN: 978-989-54291-8-9

ISSN: 1646-1525

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto «UID/LIN/00022/2019».

DO TRATAMENTO DO VERBO *SER* EM INSTRUMENTOS METALINGUÍSTICOS DO PORTUGUÊS PUBLICADOS NO SÉCULO XIX¹

RESUMO: O século XIX português constitui um período eclético em que convergem a herança de um ideário metalinguístico polifacetado e a receção de inovações metodológicas tendentes a promover o desenvolvimento do estudo científico, de índole histórico-comparativa, da língua portuguesa, no âmbito da Linguística Românica.

É nosso objetivo escrutinar um conjunto de obras metalinguísticas representativas da centúria portuguesa de Oitocentos, a fim de rastreamos as caracterizações descritivas e explicativas do funcionamento sintático atribuído ao verbo *ser*, em consonância com princípios norteadores da prática historiológica e historiográfica em Linguística, a saber, o princípio que impõe a clarificação dos ‘climas de opinião’ responsáveis pela emergência das obras sob escopo, o princípio que determina a fiel reconstrução da terminologia concebida e/ou aplicada nessas obras e o princípio que estipula a adequação epistemologicamente relativa de modelos terminológicos atuais à arquitetura terminológica reconstruída.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia gramatical; História da Língua Portuguesa; Sintaxe.

ABSTRACT

The Portuguese 19th century is an eclectic period in which converge the heritage of a multifaceted metalinguistic set of ideas and the reception

¹ O presente texto constitui uma versão revista e alargada da versão que foi oralmente apresentada no Simpósio 62 do VI SIMELP e que, em novembro de 2017, foi facultada para publicação nas Atas do evento.

of innovative methodologies tending to promote the development of the comparative and historical scientific study of the Portuguese language within the Romance Linguistics.

It is our goal to scrutinize a set of metalinguistic works representative of the Portuguese 19th century, in order to track the descriptive and explanatory characterizations of the syntactic functioning given to the Portuguese verb *ser* (equivalent to the English verb *to be*), taking into account the principles of historiological and historiographic practice in Linguistics, namely: the principle that imposes a clarification of the ‘climates of opinion’ responsible for the appearance of the referred works; the principle that determines a faithful reconstruction of the terminology conceived and/or applied in those same works; and the principle that stipulates the epistemologically relative adequacy of current terminological models to the reconstructed terminological architecture.

KEYWORDS: Grammatical Historiography; History of the Portuguese Language; Syntax

1 - INTRODUÇÃO

A tradição gramaticológica e gramaticográfica portuguesa apresenta flutuações de interpretação do funcionamento do verbo *ser*, no âmbito de uma estrutura linguística.

O primeiro instrumento metalinguístico português sobre o português, da lavra de Fernão de Oliveira (1507-*ca.* 1581), apenas se refere ao verbo *ser* como um “[...] verbo substantivo [...]” (Oliveira 2000 [1536]: 118 [39], 124 [45], 150 [71]), sem aduzir quaisquer definições,² adotando, assim, o Autor uma nomenclatura que reflete uma interpretação filosófica ancorada nas observações sobre o Latim feitas por Prisciano (séculos V a VI E.C.). Em 1540, o polígrafo aveirense é seguido por João de Barros (1496?-1570), que assume, então, aplicar a distinção classificativa latina aos verbos do Português, ao fazer referência ao verbo *ser*, marcado por “presente”, “indicativo” e “1.ª pessoa” – em oposição a todos os outros, ditos ‘adjetivos’ –, como ‘verbo substantivo’, “[...] por que demôstra o fêr pelloál da coula [...]” (Barros 1971 [1540]: 325), dando conta da noção de “existência”, ao mesmo tempo que explicita, ao que parece pela primeira vez na gramaticografia

² Ao encetar o Capítulo dedicado ao verbo, observa o seguinte: “[...] não dizemos que cousa é verbo nem quantos generos de verbos temos, porque não é desta parte a tal ocupação, mas só mostraremos como são diversas as vozes desses verbos em generos, conjugações, modos, tempos, numeros e pessoas [...] só amoestando em breve o que ha nellas, para que depois a seu tempo, quando as trataremos, sejam melhor com mais facilidade entendidas [...]” (Oliveira 2000: 150 [71]).

portuguesa, que “[...] soprimos [– a inexistência de verbos passivos em Português –] per rodeo (como os Latinos fazem nos tempos (em) que lhes falêça a vóz passiva), com este vérbo, *sou*, e um particípio do tempo passado [...]” (Barros 1971 [1540]: 326).³

No início do século XVII, Duarte Nunes de Leão (fl. 1530-1608), a propósito do que denomina de “tres vozes” do *verbo* – “[...] hũa activa, outra impeffoal, outra pafsiva [...]” – (Lião 1606: 117), observa que das duas últimas:

[...] carece a lingoa Portugueſa como as outras [vulgares], Heſpanhoes, Italiana, & Franceſa, porque o que hauiaõ de dizer por fuas palavras directas, & extendidas como fazem os latinos, & os Gregos o dizem por circumloquios, & arrodeos de vozes empreftadas do verbo ſubſtantivo ſou es [...]” (Lião 1606: 118).

Treze anos mais tarde, Amaro de Roboredo (século XVI-século XVII) entende que a forma verbal latina “Sum” – relativamente à qual aduz não lhe parecer ‘ativa’ nem ‘passiva’ (Roboredo 1619: 69) –, igualmente marcada pelo “presente”, pelo “indicativo” e pela “1.ª pessoa”, é “[...] como [que o] fundamento de todos [os verbos] [...]”, “[...] *ſignificando fuſtancialmente, ſer, ou ſtar* [...]”, asseveração a que acrescenta o dado de que “[...] *com elle per rodeio ſupprimos as vozes paſſivas que* [aos verbos] *faltão* [...]” (Roboredo 1619: 30).⁴ Tal posição será adotada, no século posterior, a título exemplificativo, por Luís Caetano de Lima (1671-1757), que, no quadro do tratamento do funcionamento da língua francesa, mediante a utilização do Português como metalíngua, apresenta o verbo *Eſtre*, enquanto verbo ‘auxiliar’ e ‘substantivo’, como elemento equivalente aos verbos portugueses *Ser* e *Eſtar* (cf. Lima 1733: 128).

No início do século XVIII, o lexicógrafo Rafael Bluteau (1638-1734), sob a entrada “SER”, classifica este item como “[...] Infinitivo do verbo ſubſtantivo, & auxiliar [...]” (Bluteau 1720: 598, col. 2), indicando, no âmbito do verbete que inclui a entrada “SUBSTANTIVO, ou Suſtantivo”, que “[...] [t]ambem entre Grammaticos ha verbos ſubſtantivos, como *v g.* o verbo *Ser* [...]” (Bluteau 1720: 766, col. 2), da mesma forma que, sob a subentrada

³ “[...] E o vérbo ſubſtantivo ſou também carêce da régra gêral dos verbos, porque fãz no infinitivo em *er*; e, quando ô trazemos ao primeiro presente, dizemos: *sou*. E por / ser mui irregular em ſuas formações nam falaremos mais dele, nem menos daremos régras dos outros tempos e módos [...]” (Barros 1971 [1540]: 344-345).

⁴ É interessante verificar que o Autor seiscentista português vem a tecer a seguinte observação: “[...] Nas línguas vulgares, de que temos noticia, não ha Verbos Paſſivos: mas ha Participios Paſſivos, com os quaes, & com o Verbo Suſtãtivo, *Sum*, ſe ſuprem as Vozes Paſſivas; como em Português. *Amado*, ajuntafe ao Verbo, *Sou*, aſi; *Sou amado*; *Fui amado*, *Serei amado* [et]c. [...]” (Roboredo 1619: 69; cf. 32-33). Curiosamente, não parece verbalizar a ideia de que o verbo *estar* pudesse, também, entrar nesses ‘rodeos passivos’.

“Auxiliar” (enquanto “Termo Grammatical”) da entrada “AUXILIAR”, aponta o *verbo ser* como um verbo *auxiliar*, ou seja, como “[a]quelle, que ajuda os outros verbos na conjugação delles [...]” (Bluteau 1712: 687, col. 1). Em 1721, Jerónimo Contador de Argote (1676-1749), sob o pseudónimo de Caetano Maldonado da Gama, apresenta o verbo *ser* na qualidade de verbo auxiliar, por ajudar os chamados verbos ‘ativos’ a formar os seus tempos passivos (cf. Gama 1721: 62), não o incluindo em qualquer uma das ‘castas’ de verbos por si elencadas. É no quadro da chamada “Syntaxe de reger” (Gama 1721: 170, 175) que afirma que o verbo *ser*, significando “união de uma coisa consigo mesma”, apresenta, tal como o Latim, dois “nominativos” – “[...] hum antes, outro depois de fi [...]” (Gama 1721: 173) –, da mesma forma que assinala, segundo a mesma analogia, que, quando vale o mesmo que “possuir”, que “pertencer” ou que “causar”, pede “genitivo”, articulável com um “nominativo” e, na última aceção referida, também com um “dativo” (Gama 1721: 182-183). Em 1725, o mesmo autor, assumindo-se já como Jerónimo Contador de Argote, segue o mesmo procedimento (cf. Argote 1725: 150), continuando a não classificar o verbo *ser* como ‘substantivo’, tratando-o nos mesmos moldes, quer no âmbito da abordagem feita aos “Verbos Auxiliares” (Argote 1725: 62-63; cf. 105), quer no quadro da “Syntaxe de Reger” (Argote 1725: 194, 198, 200, 207-208). Quanto ao autor da *Arte da grammatica da lingua portugueza* publicada em 1770, adscrive ao *verbo*, no geral, a ideia de que “[...] afirma alguma cousa [...]”, a saber, principalmente, “acção” ou “paixão” (Assunção 2000: 197 [55], 198 [56]), distanciando-se da classificação tradicional do verbo *ser*, ao observar que se trata de um verbo “[...] a que chamão substantivo, por afirmar a substancia, ou o ser do sujeito, que lhe exerce a significação [...]”, e destacando, antes, o facto de, enquanto verbo ‘anómalo’, ou ‘irregular’, se comportar como “[...] auxiliar, porque dos seus tempos, modos, e pessoas se fôrma toda a voz passiva de qualquer verbo activo, pospondo-se-lhe o participio passivo do mesmo verbo [...]” (Assunção 2000: 203-204 [61-62] e nota a; sublinhado nosso). Por sua vez, em 1789, o lexicógrafo António de Moraes Silva (1755-1824), sob a segunda entrada “SER” do *Dicionário da Língua Portuguesa de D. Raphael Bluteau*, o qual sujeita a reforma e acrescentamentos, apresenta tal item linguístico como verbo ‘neutro’ com o significado de “exiltir”: “[...] Deste verbo ufamos para afirmar, ou negar, que hum attributo existe em o fujeito [...] ou que hum fujeito pertence a alguma especie, e tem os attributos della [...]” (Silva 1789, II: 394, col. 1). Entretanto, na subentrada “*Verbo auxiliar na Grammatica*”, ocorrente no verbete que

⁵ Continua a não o incluir sequer, explicitamente, em qualquer uma das “castas” que propõe, exatamente como propusera em 1721: ativos, passivos, neutros, pessoais, impessoais, reciprocos, simples, compostos, irregulares e regulares (cf. Argote 1725: 146-169; cf. Gama 1721: 129-132).

integra a entrada “AUXILIAR”, apresenta o verbo *ser* – juntamente com o verbo *estar* – como verbo que pode funcionar como auxiliar de “existência”, por suprir variações simples faltantes a alguns verbos, designadamente, por suprir a formação da “voz passiva” que subclassificamos de ‘analítica’ (Silva 1789, I: 153, col. 1). Bernardo de Lima e Melo Bacelar (ca 1736-?), em 1783, classifica o verbo *ser* como “[...] *Verbo de unir o nominativo posterior ao anterior [...]*” (Bacelar 1783: 101), “[...] representa[ndo] com afirmação a obra phyfica [...]”, por meio da “[...] união do predicado ao fujeito [...]” (Bacelar 1783: 52 e nota (a)), ao mesmo tempo que prevê a sua utilização para ‘compor verbos passivos’, sem utilizar, porém, o termo taxinómico *auxiliar* (Bacelar 1783: 52, nota (a)). Já Pedro José da Fonseca (1737-1816), em 1799, depois de apontar os verbos *ter* e *haver* como *verbos auxiliares* que ajudam a conjugar os chamados ‘tempos compostos’⁶ de ‘outros verbos’, salienta que também o verbo *ser*, embora:

[...] se nomei[e] substantivo, quando afirma a substancia, ou o ser do sujeito, que lhe exercita a significação, he auxiliar sempre que com os seus números, pessoas, modos, e tempos, tanto simples, como compostos, supre junto com o particípio passivo do verbo, de que se trat[e], a voz passiva deste mesmo verbo [...]. ([Fonseca] 1799: 112, 112-113).

2 - DO TRATAMENTO SINTÁTICO DO VERBO *SER* NA CENTÚRIA DE OITOCENTOS

Na centúria portuguesa de Oitocentos, manifestam-se diferentes correntes de interpretação do funcionamento sintático do verbo *ser*.

No início do século XIX, Morais Silva aprofunda a sua visão do verbo, no seu *Epitome da grammatica da lingua portugueza*, acabado de redigir, em 1802, em Pernambuco (cf. Silva 1806: 163).⁷ Aí, assinala, explicitando a receção crítica das ideias de Antoine Arnauld (1612-1694) & Claude Lancelot (1615-1695), de James Harris (1709-1780), de Étienne Bonnot de Condillac (1714-1780) e de François-Urbain Domergue (1745-1810), que – mesmo no âmbito de formas ditas “compostas”⁸ – o verbo *afirma* sempre, por meio do verbo *ser*, a ‘existência’, enquanto ‘atributo mais geral’⁹ de um ‘atributo particular’, *ativo* ou *de mero estado* (cf. Silva 1806: 16, nota**; 55, nota *f*, iniciada na p. 54; 56; 64, nota *h*), tal como Condillac propusera para a língua francesa (cf. Condillac, 1947, *Cours d’études*,

⁶ “[...] Tempos compostos são aquelles, que se conjugão sempre com alguns Tempos simples dos verbos auxiliares [...].” ([Fonseca] 1799: 111).

⁷ Essa obra foi publicada, em 1806, em Lisboa, e, aí, republicada, em 1813, tendo vindo a lume, em 1824, no Rio de Janeiro.

⁸ Segundo Beauzée, Du Marsais tinha atribuído aos verbos *adjetivos* a classificação de *compostos* e *dera* a de *simples ao verbo substantivo* (cf. Beauzée 1786: 621, col. 1).

⁹ Cf. Arnauld & Lancelot 1969: 67.

II – *Grammaire*: 475, col. 2). Não deixa, entretanto, de recorrer – com o devido distanciamento epistemológico – à metalinguagem tradicional dos gramáticos, ao trazer à colação o facto de apelidarem o “verbo *Ser*” de ‘verbo substantivo’, por se lhe juntarem “[...] todos os attributivos, e ainda nomes usados compreensivamente, ou atributivamente: *v. g. ser amado, ferido, amante [...]*” (Silva 1806: 60). Entende Morais Silva que o verbo *ser*, entre outros verbos, pode funcionar como auxiliar, “[...] [ajudando] a formar tempos [...]”: “[...] e tanto val dizer; que o sujeito existe acompanhado, ou modificado por um attributo, como dizer, que o sujeito o possui: assim *amo, sou amante, estou amando, tenho o attributo amar, tenho amor*, tudo vem ao mesmo sentido [...]” (Silva 1806: 63-64). Embora o não revele, explicitamente, no seu *Epitome [...]* – em que, aquando do tratamento explícito da significação passiva do ‘atributo’ de verbos suscetíveis de passivização, a ilustra enquanto manifestável por meio do verbo auxiliar *estar* (cf. Silva 1806: 53) –, a segunda edição do *Diccionario da Lingua Portuguesa*, por si publicada em 1813 e antecedida, *ipsis verbis*, da obra gramatical que tem estado sob o nosso escopo, mantém o configurado na subentrada “*Verbo Auxiliar*, na Grammatica”: aí, também atribui ao verbo *ser* o papel de contribuir para a construção, como *auxiliar*, da “voz passiva” que designamos por ‘analítica’ (Silva 1813, I: 234, col. 2 - 235, col. 1).

Jerónimo Soares Barbosa (1737-1816), numa obra postumamente publicada, pela Academia Real das Ciências, em 1822, embora, provavelmente, terminada em 1803, apologiza a noção de que o verbo *ser* é “[...] o único verbo [...]”, classificando-o de ‘substantivo’ (Barbosa 2004: 248 [192]),¹⁰ não enquanto elemento linguístico significativo de “[...] *Afirmção*, como muitos Grammaticos pretend[iam] [...]”¹¹ (Barbosa 2004: 249 [193]), mas enquanto item significativo de “*Existência*” de uma ‘qualidade’ ou de um ‘atributo’ num “sujeito” de uma “proposição”, no âmbito da qual representaria a ideia “[...] primária e principal [...]”, “[...] ou só, ou incluído no verbo adjetivo [...]”, o que resultaria na “[...] coexistência e identidade [...]” desses elementos, manifestas, uma e outra, por via do estabelecimento de um “nexo” ou “cópula”, associados a manifestações formais de “ideias acessórias” (Barbosa 2004: 247 [191], 249 [193]), entre as quais figuravam os chamados “[...] diversos modos possíveis, porque o espirito póde conceber,

¹⁰ A propósito do tratamento da *preposição*, apresenta, também, o verbo *Estar*, ao lado do verbo *Ser*, como verbo igualmente ‘substantivo’ (cf. Barbosa 2004: 383 [327]).

¹¹ Ainda que partilhe da ideia dos responsáveis pela *Grammaire générale et raisonnée [...]*, publicada em 1660, de que “[...] il n’y a que le verbe *être*, qu’on appelle substantif [...]” (Arnauld & Lancelot, 1969: 66), o Autor português diverge, claramente, da ideia de que o *verbo* constituía uma palavra cujo principal uso seja o “[...] *de signifier l’affirmation*, c’est-à-dire, de marquer que le discours où ce mot est employé, est le discours d’un homme qui ne conçoit pas seulement les choses, mais qui en juge et qui les affirme [...]” (Arnauld & Lancelot 1969: 66).

e concebe huma couza existente [...]” (Barbosa 2004: 250 [194]). Teria sido, aliás, precisamente, para obviar à “[...] enunciação completa de [...] conceitos [...]” que “[...] o verbo substantivo simples [chamaria] em ajuda sua outros verbos [...]”, que designa por “*Auxiliares*” (Barbosa 2004: 250 [194]), entre os quais não figurava o próprio verbo *ser* – “[...] [n]ão he pois auxiliar [...]” –, discordando, de forma clara, da classificação de “[...] [a]lguns de nossos Grammaticos [que] fazem tambem do nosso verbo *Ser* hum verbo auxiliar [...]” (Barbosa 2004: 252 [196]). Importa, entretanto, assinalar a aproximação do seu ponto de vista eclético às ideias linguísticas nutridas por César Chesneau Du Marsais (1676-1756), por Condillac e por Court de Gébelin (1725-1784).

Por seu turno, em 1804, Manuel Dias de Sousa (1755-*ca* 1822) exhibe a noção de que, embora o ‘verdadeiro verbo’ seja o verbo *ser* (Souza 1804: 56; cf. 49), ele constitui um item indicativo “[...] [d]a relação que se considera entre a qualidade e o sujeito [...]” (Souza 1804: 196; cf. 55) e um elemento que ‘liga todas as qualidades’ – expressas pelo particípio – ‘com o sujeito de uma frase’ (cf. Souza 1804: 145; cf. 142), remetendo para uma relação de coexistência do sujeito da ‘proposição’ e da sua respetiva qualidade, tal como, na senda de Du Marsais¹², propõe Condillac¹³ e Court de Gébelin enuncia.¹⁴ O verbo *ser* representa, afinal, para o gramático, o ‘nexo’ (ou ‘cópula’) de um juízo, servindo, numa estrutura linguística, para exprimir, sintaticamente, o ‘nexo gramatical’ – suscetível de se revestir de um caráter ancilar, enquanto verbo auxiliar, quando o atributo constituísse um ‘particípio ativo’ ou ‘passivo’ de um ‘verbo adjetivo’ (Souza 1804: 107) –, ou seja, a união mental entre um ‘sujeito’ lógico, representável por uma forma de *nome* ou de *pronome*, que funcionaria como ‘sujeito gramatical’, e um ‘atributo’, representável por uma forma de *adjetivo* ou *particípio* configuradora de um ‘atributo gramatical’ (cf. Souza 1804: 156).¹⁵

Posteriormente, numa obra vinda a lume em 1818, João Crisóstomo do Couto e Melo (1775-1838) define o verbo *ser*, que denomina de “*Verbo-substantivo*”, ou “*Abstrato* [...]”, na frase de Beauzée”, ou “*Simples*, na de du Marsais” (Melo 1818: 87 e nota 3), como “[...] sinal da ideia de coexistência de substância e d’adjunto [...]” (Melo 1818: 60) e, portanto, na esteira de

¹² Cf. Du Marsais 1987, *Mélanges [...] tirés de l’Encyclopédie*, “CONSTRUCTION”: 441, 445.

¹³ Cf. Condillac 1947, *Cours d’études, II – Grammaire*: 467, col. 2.

¹⁴ Cf. Court de Gébelin 1778: 174; cf. Robert Estienne, *apud* Beauzée 1767: 407, 408; cf. Harris 1796 [1751]: 81 e nota 1.

¹⁵ O Autor português segue o pensamento de Condillac e distancia-se das ideias linguísticas de Du Marsais e das de Beauzée, uma vez que estes últimos entendiam que o ‘atributo’, enquanto parte ‘material’ de uma ‘proposição’, devia incluir sempre o *verbo*.

Condillac, como elemento significativo, no âmbito do que chama de ‘oração’ (expressão oral de um juízo) ou ‘frase’ (expressão escrita de um juízo), da ideia de “[...] coexistência de *sujeito* e *d’atributo* [...]” (Melo 1818: 87; 239, nota*). Quando serve “[...] para se-formarem diferentes *variações* d’outros verbos [...]”, o mesmo verbo *ser* é classificado como ‘auxiliar’ (Melo 1818: 104).¹⁶

Francisco Soares Ferreira (1777-ca 1831), por seu lado, revela, na obra que traz a lume em 1819, o seu entendimento, na esteira de Nicolas Beauzée (1717-1789), de que o ‘verbo substantivo’ *ser* exprime “existência intelectual”¹⁷ (cf. Ferreira 1819: 28, 115; cf. Beauzée 1767: 7-8), “[...] abstratamente e em geral [...]”, pelo que “[...] não compreende na sua significação o attributo, ou qualidade que se dá ao sujeito [...]”, sendo a sua relação com este indicada pelas ‘diferentes terminações em que se manifestariam as *peçoas* gramaticais’ (Ferreira 1819: 34). De forma clara, o Autor assere que *ser* ora é ‘verbo substantivo’, “[...] quando não he seguido do Participio Passivo de outro verbo, como: *eu sou homem* [...]”, ora é verbo auxiliar, “[...] quando he seguido de qualquer participio, como: *eu sou amado* ou *amada* [...]” (Ferreira 1819: 28-29, nota (a), encetada na p. 28).

Quanto a Francisco Solano Constâncio (1777-1846), começa a desmontar, pela primeira vez na gramaticografia portuguesa, a sustentação teórica da classificação do verbo *ser* como supostamente único verdadeiro verbo, dito ‘substantivo’, ao salientar a necessidade de se “[...] remontar á origem do verbo latino *esse* e dos nossos *ser* e *estar*, que lhe correspondem [...]” (Constancio 1831: 92-93), e de se não “[...] cahir[] no erro o mais crasso, suppondo[-se] que em huma lingua qualquer os homens começarão por inventar hum termo para exprimir a existencia abstracta ou considerada como independente dos entes existentes [...]” (Constancio 1831: 93). Os argumentos que expõe em defesa da sua teoria são os seguintes: (i) “[...] o verbo *ser* não se pode conjugar em nenhuma lingua derivada do latim sem o socorro de outro verbo (*ter* ou *haver*), o que por certo não aconteceria se aquelle fosse o verbo substantivo primitivo e unico [...]”; (ii) “[...] *ser* não he nunca auxiliar de *ter* ou *haver* [– a não ser que o seja das formas ditas ‘participiais passivas’ *havido* e *tido* (cf. Constancio 1831: 126) –], tornando-se esses auxiliares indispensaveis para a conjugação de todos os verbos [...]” (Constancio 1831: 93); (iii) “[...] se os nomes não carecem de auxilio para significarem existencia, isto he[,] de hum termo que[,] junto a *sol*, *lua*, *olho*, *boca*, *voz*, indique que estes objectos existem, tambem os termos *comer*, *andar*, *dormir*, *olhar*, *fallar*[] não carecem nem nunca carecêrão do verbo *ser*, para exprimirem plenamente a actualidade das ideias que representam [...]”

¹⁶ O Autor não fornece, em momento oportuno, exemplos ilustrativos das suas asseverações.

¹⁷ Cf. Beauzée 1786: 624, col. 2 ; 625, col. 1 e col. 2. Cf. Robinet 1978: 72.

(Constancio 1831: 94). Revelando estar, até certo ponto, a par do estado da arte à época, no que ao estudo das línguas concernia, por meio da aplicação do método comparativo e histórico, Constâncio aduz um último argumento:

[...] No latim e na língua sanscrita, que ambas emanão de huma fonte comum, o verbo *ser* significa tambem *comer* em muitos dos seus tempos [...]. Porém o mais singular he que no sanscrit, em latim e no persa, o verbo *ser* (em latim, *esse*, em sanscrit *astum*, e em persa *hustum*) he defectivo e completa os seus tempos pelo verbo *fu* (*bhu*, em sanscrit, *bhud*, em persa) que tambem significa existencia ou vida; de maneira que o supposto verbo substantivo, unico e primitivo, he formado de dois verbos dos quaes cada hum exprimia primitivamente huma acção vital, *esse* comer, e *bhu* ou *fu*, donde vem o *fui* latino e o nosso, que exprime a ideia de localidade ou de locomoção, como o nosso *estar* [...]” (Constancio 1831: 94-95).

Acrescenta o Autor que “[...] *ser*, assim como *esse* em latim, procede de hum radical diverso d’aquelle de que deriva o preterito definito *fui*: em latim, este e os mais tempos de forma semelhante[] vem do antigo verbo *fuo* [...]” (Constancio 1831: 123), de que já dá notícia Rafael Bluteau (cf. 1720: 598, col. 2). Interpreta, ademais, o verbo *ser* de duas maneiras: ou como ‘verbo de existência’ que, no âmbito de um tipo específico de estruturas, ‘liga’ “[...] hum agente ou nominativo [...] com o seu attributo [...]” (Constancio 1831: 204); ou como ‘verbo auxiliar’ participial, que, apresentando ainda “[...] o sentido vago da existencia [...]” (Constancio 1831: 127, 129), é colocável junto de um ‘participio passivo’, para a formação da “voz passiva” (Constancio 1831: 106; cf. 123).

Em 1836, sob a entrada “SER” do seu *Novo Diccionario Critico e Etymologico [...]*, Constâncio reitera conjuntos de observações sobre a origem da forma verbal *ser*, a partir da aplicação do método comparativo e histórico, não deixando de se opor às ideias, defendidas por “[m]uitos dos grammaticos modernos”, de que o verbo *ser* constituiria um ‘verbo substantivo’, o único verdadeiro verbo, por, alegadamente, na sua aceção primitiva, significar, abstratamente, “existência” e por “[...] ter privilegio afirmativo [...]” (Constancio 1836: 885, col. 1). Do seu ponto de vista, tal elemento linguístico “[...] serve de ligar o sujeito da proposição ao attributo [...]” e “[...] [f]órma a voz passiva dos verbos activos [...]”, podendo, também, significar “[...] pertencer [...]”, “[...] ir ter [...]”, “[...] estar presente [...]”, bem como “[...] passar, acontecer [...]” (Constancio 1836: 885, col. 1).

A[ntónio] M[anuel] da S[ilva] Pinto Abreu (1803-1885), numa obra que dá à estampa em 1852, embora a tenha concluído em 1837 (cf. Abreu 1952, “AO LEITOR”: [s. p.]), apenas se refere ao verbo *ser* a propósito do tratamento do verbo *auxiliar*, que define como “[...] aquella, que dá auxilio aos mais verbos, para se conjugarem [...]” (Abreu 1852: 37), concorrendo para a conjugação passiva de outros verbos (cf. Abreu 1852: 47 e sq.).

Por seu turno, Luís Francisco Midosi (1796-1877), em 1842, encara o verbo *ser*, em qualquer forma de uso, nessa qualidade sintática, ou seja, como ‘verbo auxiliar’, sem que uma definição do que tal seja forneça, facto que causa alguma perplexidade, pois surge entendido como forma ancilar não só de formas participiais de outros verbos, mas também, por exemplo, de formas de *adjetivo* não participiais (c. Midosi 1842: 37; 46, nota *, provinda da p. 45; 78, 86, 87).

Oito anos depois, Francisco Ferreira de Andrade Júnior (1806-1881) vem afirmar que o *verbo*, em geral, “[...] é o attributivo que exprime a existencia do sujeito da proposição [...]”, manifestando-se tal ideia de “existência”, “[...] no seu estado primitivo[.] [...] per um attributivo radical, *ente* em portuguez [...]” (Andrade Junior 1850: 11; cf. 15). Considera, porém, haver, em língua portuguesa, radicais “[...] *activos* [...] e *neutros* [...]”, que se podem combinar com o radical primitivo transportado pelo verbo *ser* (Andrade Junior 1850: 15), cuja “existência” é modificada pela ideia de uma ‘potência passiva’ (cf. Andrade Junior 1850: 16), não o integrando, contudo, no leque dos verbos que denomina de ‘auxiliares’, que define como “[...] certas fôrmas verbaes com que uma lingua significa o *começo*, a *continuação*, e o *complemento* da existencia pelo verbo significada [...]” (cf. Andrade Junior 1850: 17).

Mais tarde, Bento José de Oliveira (1814-?), numa obra gramatical dada à estampa em 1862, continua a classificar o verbo *ser* – e apenas este – como ‘verbo substantivo’, ou, na esteira da nomenclatura de N. Beauzée, ‘abstrato’, por uma razão simplesmente formal: “[...] vem separado do attributo, [...] subsistindo só por si [...]” (Oliveira 1862: 18). Na segunda edição da obra, que diz ser melhorada, observa que “[...] [o] verbo substantivo (ou *abstracto*) sómente liga o sujeito com o attributo, do qual está separado [...]” (Oliveira 1864: 16-17), a fim de ‘mostrar’ que este existe naquele (cf. Oliveira 1864: 16), destacando, desta vez, o que, na primeira edição, refere em nota de rodapé –como, aliás, também faz no âmbito da 2.^a edição–, a propósito da “**Conjugação do verbo substantivo e auxiliar**”¹⁸ (Oliveira 1862: 26, nota 2; 1864: 26, nota 1), e no quadro do tratamento da sintaxe (cf. Oliveira 1862: 56; cf. 1864: 62). Integra, também, o verbo *ser* no cômputo dos “*verbos auxiliares*”, que define como “[...] os que, junctos e conjugados com outro verbo ou participio, formam os tempos compostos [...]” (Oliveira 1862: 24; 1864: 23). *Ser* é, precisamente, um dos verbos auxiliares tidos, pelo Autor, por mais frequentes, servindo para formar

¹⁸ “[...] O verbo SER é *substantivo*, quando exprime sómente a relação de um attributo ou predicado a um sujeito, como – “Deus é bom”; e *auxiliar*, quando o predicado é participio perfeito passivo de verbo adjectivo, e conjugado com elle fôrma da voz passiva, como – “Deus é louvado.” [...]” (Oliveira 1862: 26, nota 2; 1864: 26, nota 1.)

“[...] todos os tempos da passiva dos verbos adjectivos [...]” (Oliveira 1862: 24; 1864: 24). Em 1880, na décima terceira edição da sua obra, corrigida, segundo indicação fornecida no âmbito do “Prólogo” correspondente (Oliveira, 1880: VIII), considera que, significando “existencia” e mantendo o papel de “liga[r] o sujeito com o attributo”, o verbo *ser* constitui um ‘verbo substantivo’, “[...] por subsistir só por si [...]”, e um ‘verbo abstrato’, “[...] por estar separado do attributo [...]”, podendo, inclusive, apresentar-se como “[...] absoluto [...]”, “[...] quando afirma sómente a existencia do sujeito [...]”¹⁹ (Oliveira 1880: 33). Curioso é o facto de que o Autor manifesta a ideia de que um ‘verbo adjectivo’ ora se pode resumir a uma forma de ‘adjectivo’, de ‘nome’ verbal, ou de ‘particípio imperfeito’ (correspondente ao “gerúndio”), acompanhada do dito ‘verbo substantivo’ (cf. Oliveira 1862: 56), ora se pode resumir a uma forma de ‘adjectivo verbal’ (correspondente ao particípio presente herdado do Latim) ou de ‘particípio imperfeito’, acompanhada, da mesma maneira, pelo ‘verbo substantivo’ (cf. Oliveira 1864: 17; 1880: 32, cf. 31, nota (2)). Em 1880, ao tratar dos verbos “auxiliares”, cuja conjugação separa da do chamado ‘verbo substantivo’ e da dos ditos ‘verbos adjectivos’, define-os como aqueles que “[...] ajudam os outros verbos a exprimir os diversos modos de sua significação, ou começada ou continuada ou acabada, [ao comporem] com elles certas fórmulas temporaes que os mesmos de si não têm [...]” (Oliveira 1880: 39), não elencando, entre os que considera como tais, o verbo *ser*; apenas no seio de uma nota de rodapé, acrescenta, então – como se se distanciasse do procedimento que passa a descrever –, o seguinte: “Costumam chamar tambem *auxiliar* ao verbo *ser*, quando com o particípio perfeito passivo dos verbos adjectivos forma as linguagens da voz passiva, como: *Eu sou louvado*” (Oliveira 1880: 39, nota (1); cf. 71).

Francisco Júlio Caldas Aulete (1826-1878), por seu turno, no âmbito da sua *Grammatica nacional*, que sai do prelo em 1864, considera que os verbos “[...] que se empregam com o attributo separado de si, e expresso por outra palavra, [se chamam] verbos *substantivos* [...]” (Aulete 1864: 56), no grupo dos quais enquadra o verbo *ser*, ao lado dos verbos *estar* e *andar*, observando, adicionalmente, conterem os ‘verbos adjectivos’ o ‘attributo’ na sua própria significação, o que coloca a hipótese de que o verbo *ser* não seja, por Aulete, encarado como o único verbo existente. Ele é, também, classificado como verbo auxiliar, assinalando o Autor (1864: 48) que serve, como outros, para formar “tempos compostos”, denominação que atribui

¹⁹ Fornece o exemplo que segue: “[...] “Deus é” equivale a “Deus é *um ente*, ou *um ser* realmente existente [...]” (Oliveira 1880: 33).

“[...] às variações do infinitivo, isto é, ao infinito impessoal, ao participio presente e ao participio passado, quando vem acompanhados por um verbo que lhes determina o modo, o tempo, a pessoa e o numero [...]”. Aulete acomete, assim, ao verbo *ser* a capacidade de ser auxiliar da formação da “voz passiva”, que apelidamos de ‘analítica’, em função de um exemplo ilustrativo apresentado como ‘equivalente’ de um outro, relativo à formação do que consideramos constituir a manifestação ‘sintética’ dessa “voz” (cf. Aulete 1864: 56).

No seio da oitava edição da mesma obra, em 1874, Caldas Aulete aduz que o *verbo* exprime ou “[...] só a afirmação [...]” – por meio do chamado ‘verbo substantivo’, ou ‘verbo simples’, o verbo *ser*, que, “[...] algumas vezes [...]”, “[...] além da afirmação [...]”, exprime “[...] a existência [...]” (Aulete 1874: 22),²⁰ ação em que, a par do *verbo ser*, “[...] se empregam outros verbos: *estar*, *andar* [...]” (Aulete 1874: 23) –, ou, “[...] além da afirmação [...]”, “[...] a coisa afirmada ou parte d’ella [...]”, configurando o chamado *verbo* “[...] atributivo [...]”, ou “[...] adjetivo [...]” (Aulete 1874: 22), que, caso seja ‘transitivo’, isto é, caso ‘necessite de um objeto sobre que a ação do verbo seja exercida’ (cf. Aulete 1874: 23), ‘conterá em si apenas parte do atributo’, uma vez que ‘a outra parte estará expressa pelas demais palavras que completem a oração’ (cf. Aulete 1874: 22). O autor português incorpora, assim, no significado do verbo *ser*, o traço significativo de “existência permanente”, por oposição a *estar* e a *andar*, que significariam “existência temporária” e “existência ainda mais transitória”, respetivamente (cf. Aulete 1874: 23).

Quatro anos antes, porém, em 1870,²¹ Augusto Epifânio da Silva Dias (1841-1916) trouxera a lume provas – ainda mais acuradas do que as que já havia apresentado Constâncio (cf. 1831: 92-93) – de que constituía “[...] um erro de filologia [...]” (Dias 1870: 19, nota 1) o entendimento de que só ao verbo *ser* competisse, filosoficamente, o nome de *verbo* e de que os restantes verbos incorporariam em si “[...] o verbo *ser* com um atributo [...]” (Dias 1870: 18, nota 1). Do seu ponto de vista, tal facto decorria do desconhecimento da história da língua portuguesa, e, portanto, dos resultados provenientes de estudos linguísticos que tinham estabelecido a comparação do Português quer com o Latim, quer com outras línguas românicas, no seio de uma ampla corrente glotológica que, desenvolvendo-

²⁰ Diz Aulete (1874: 23) que a forma conjugada de *verbo* “*sou*” “[...] exprime a afirmação e uma existência permanente [...]”. Silva (1813, I: 772, col. 2) já assinalara o significado do verbo *estar*, enquanto significativo de “[...] não sentado, com o corpo direito d’alto a baixo, apoyado nos pés [...]”.

²¹ A obra em causa foi entregue à tipografia que a editou em setembro de 1869, conforme nos permite concluir o “Prologo” que a enceta (cf. Dias 1870: 3-5).

se no quadro do Romantismo, buscava, ao mesmo tempo, informação sobre a origem das línguas, mediante o aprimoramento de um método que garantisse o primado da análise estrutural imanente dos dados linguísticos, em função da comparação de estados de línguas congêneres e, em última análise, da detecção de uma linha ascendente que esclarecesse a filiação genética das mesmas (cf. Dias 1870: 20, nota 1). Com efeito, argumentava, então, que o verbo *ser* e, por consequência, todas as formas da sua conjugação incluíam uma “[...] raiz atributiva [...]” com uma “[...] significação tão concreta como as raízes atributivas dos demais verbos [...]”, bem como “[...] elementos formativos [...]” (Dias 1870: 19, nota 1). Mais, enfatizava o facto de que “[...] a lingua portugueza [formara] o seu verbo *ser* com tempos do verbo *esse* e do verbo *sedere*, pertencendo a este ultimo a forma *ser* e as formas do imperativo, do presente do subjunctivo e do participio presente [...]” (Dias 1870: 19, nota 1). Não podemos, entretanto, deixar de trazer à colação uma pequena observação feita, a respeito do mesmo assunto, no mesmo ano de 1870, por Francisco Adolfo Coelho (1847-1919), que lembrava o facto de a forma infinitiva *ser* provir “[d]o verbo *sedere* [...], antigamente *seer*, bisyllabo, como outros infinitivos em que [tinha sido] syncopada a consoante medial [...]” (Coelho 1870: 123, nota 1).

Para Epifânio Dias, o *verbo* é o ‘centro ideal’ de uma oração, à volta do qual se agrupam todos os restantes elementos de uma unidade estrutural desse género (Dias 1870: 22, nota 1), constituindo a posição de alguns desses elementos e as terminações verbais (cf. Dias 1870: 18, nota 1) a garantia do estabelecimento da indispensável coesão gramatical frásica, enquanto manifestação de uma relação existente entre ‘atributo’, ou ‘predicado’, e ‘sujeito’ (cf. Dias 1870: 19, nota 1).

No que atine ao verbo *ser*, tem para si o Autor que, quando “[...] significa *existir*, *estar*, é com toda a evidência um verbo atributivo [...]” e que, quando “[...] significa *ter uma qualidade* [...]”, constitui, da mesma maneira, “[...] uma afirmação e não um signal de afirmação [...]” (Dias 1870: 19, nota 1), por fazer parte integrante de um ‘atributo total’, em função de lhe caber o transporte da manifestação do ‘tempo’ da ocorrência da dita *qualidade* (cf. Dias 1870: 20, nota 1). Epifânio Dias considera, portanto, nesses casos, o verbo *ser* como ‘verbo atributivo’ (cf. Dias 1870: 112, 113), vindo a apresentá-lo, contudo, em 1878, como “[...] um verbo que por si só não tem significação definida [...]”, pelo que precisaria de um ‘nome predicativo’ para que tal significação fosse completada (Dias 1878: 82), parecendo, de forma implícita, apresentar tal verbo como integrando uma subclasse de verbos que apelida de ‘intransitivos’ (cf. Dias 1870: 112; cf. 1878: 40, 82). Alude, ademais, à possibilidade de o verbo em causa ser utilizado para a constituição dos tempos da “voz passiva” (‘analítica’), sem, no entanto, o

enquadrar numa qualquer classificação taxinómica adicional (cf. Dias 1870: 60) que não seja, apenas, relativa à sua irregularidade (cf. Dias 1878: 53).²²

Significativamente, em 1875/76, Francisco Pedro Brou (1844-1913) analisa o verbo *ser* sob dois pontos de vista, que explicita: primeiramente, “[...] quanto à sua significação [...]”, exhibe-o como item linguístico “[...] que afirma a existencia do attributo no sujeito [...]”, denominando-o de ‘verbo substantivo’, “[...] porque subsiste por si só [...]”, e classificando, por consequência, todos os restantes verbos como ‘atributivos’, ou ‘adjetivos’, em virtude de constituírem “[...] uma combinação do verbo substantivo com o attributo gramatical [...]” (Brou 1875/76: 29); em segundo lugar, no respeitante ao seu “[...] emprego [...]”, assinala que pode perder a significação que inere ao ‘verbo substantivo’, tomando, assim, o nome de “[...] auxiliar [...]” (Brou 1875/76: 31), quando indica a “voz passiva” dos chamados verbos ‘adjetivos-ativos-transitivos’ (cf. Brou 1875/76: 30, 62, 63-64).

Relevante é o facto de, sensivelmente no mesmo momento, Teófilo Braga (1843-1924), precisamente em 1876 – crítico da tradição gramatical que o antecedia –, descrever qualquer forma de *verbo* como sendo formada de uma ‘parte invariável’, que designa por “[...] thema ou radical [...]”, e de uma ‘parte variável’, “[...] em flexões diferentes, [a qual] se chama *terminação* ou *desinência* [...]” (Braga 1876: 70), à semelhança do que já apresentara, cerca de doze anos antes, o próprio Aulete (cf. 1864: 41). Não indica uma classe em que enquadre, explicitamente, o verbo *ser*, embora, expendendo uma apreciação crítica relativamente ao modo como a tradição gramatical o apresentava (cf. Braga 1876: 70), considere que tal item linguístico possa enunciar, numa dada estrutura linguística em que ocorra, a “existência” de um ‘atributo’ num ‘sujeito’ (cf. Braga 1876: 128) e preveja, adicionalmente, a sua utilização para auxiliar verbos cuja passivação (‘analítica’) fosse pretendida (cf. Braga 1876: 69). Com efeito, afirma que “[...] o verbo *Ser* suppre a falta da voz passiva da conjugação latina [...]” e que contribui para a formação de ‘tempos compostos’, ou seja, “[...] aquellas flexões do verbo que se ajuntam com outro verbo, para exprimirem uma acção que está já effectuada no momento em que se falla [...]” (Braga 1876: 88).

Nota, ademais, Teófilo Braga que o verbo *ser* “[...] é apropriado do verbo latino *Esse*[, encontrando-se] porém em varias inscripções e diplomas do seculo VII até ao seculo IX a forma românica *Essere* [...]”, facto que enuncia

²² Na sua *Syntaxe Histórica Portuguesa*, que, vindo a ser postumamente publicada em 1918, não chegou a ser objeto de revisão global, Dias assevera que o verbo *ser* ora se apresenta com “[...] sentido indefinido [...]”, surgindo, nesse caso, com um “[...] um nome predicativo [...]”, ora se emprega, “[...] [e]m certos casos[,] como verbo[] de significação definida, consequentemente sem n. predicativo [...]” (Dias 1918: 2, 3), ora se utiliza como “[...] auxiliar da passiva [...]” (Dias 1918: 313-314).

em conformidade com a observação, atribuída a Auguste Brachet (1845-1898), de que a desinencia *re* serviria, no “Infinitivo” “[...] para dar mais corpo á palavra [...]” (Braga 1876: 92). Mostra, posteriormente, fundamentando-se, explicitamente, por exemplo, na obra de F. A. Coelho publicada em 1870, por seu turno substancialmente sustentada nas reflexões de Friedrich Diez (1794-1896) – a que o próprio Teófilo Braga, frequentemente, alude –, que concorrem, para a sua conjugação nos “tempos”, “modos” e “pessoas”, os verbos latinos *Esse* e *Sedere* (cf. Braga 1876: 91-95). Curiosamente, em 1874, sem especificações, Aulete (1874: 55) dá conta de que a conjugação do verbo *ser* é formada de diferentes verbos, “[...] representados pelos seus diversos radicaes [...]”.

No atinente a Francisco José Monteiro Leite (*ca* 1882-?), segue a mesma linha de Francisco Pedro Brou, na obra que publica em 1882 e na edição vinda a lume em 1887. Na verdade, o gramático define o verbo *ser*, por um lado, como “[...] a palavra que exprime a afirmação [...]”,²³ enquanto ato do espírito próprio de um dado locutor (cf. Leite 1882: 38; 1887: 50), e, por outro lado, como item que tem uma ‘significação’ de “existência” ou de “[...] existência [...] e [...] qualidade ou atributo [...]” (Leite 1882: 38; 1887: 50).²⁴ Refere-se, depois, à possibilidade de “[...] [os] tempos do verbo *ser*, acompanhados do particípio passivo do verbo que se [queira] conjugar [...]”, contribuir para a formação da “voz passiva” (‘analítica’) (Leite 1882: 54), sem, porém, incluir o verbo *ser* no leque dos ‘auxiliares’ (cf. Leite 1887: 112-113).

Mais tarde, em 1891, F. A. Coelho (1891: 42) observa que “[...] [a]s formas verbaes que nos tempos compostos exprimem não a ideia principal [ou seja, a ideia de um verbo que represente ‘ação’], mas sim as de modo, tempo, numero e pessoa [se chamam] FORMAS VERBAES AUXILIARES ou VERBOS AUXILIARES [...]”. Ora, entre esses verbos, estava, precisamente, o verbo *ser*, cujos tempos, juntamente com o chamado ‘particípio do pretérito’, ou ‘particípio passivo’, de um verbo principal, formariam os tempos da “voz passiva” deste último (cf. Coelho 1891: 53). É interessante observar que F. A. Coelho (cf. 1891: 8) parte da noção de *predicado*, atualmente entendível como *predicado semântico*, para demonstrar que, caso não signifique “existir”, o verbo *ser* “[...] perde o seu sentido proprio e serve só para ligar ou referir o predicado [– que pode ser uma forma de *substantivo* ou de *adjetivo* –] ao sujeito, dando a indicação de tempo e de pessoa [...]”, pelo que não passa, nessa circunstância de uso, de “[...] um verbo de ligação [...]” (cf. Coelho

²³ Cf. Condillac 1947 : 437, col. 2 - 438, col. 1; cf. Arnauld & Lancelot 1969: 66.

²⁴ Cf. Du Marsais 1987: 441; cf. Robinet 1978: 65, 65-66.

1891: 8-9) que “[...] junta[] uma determinação ao adjectivo ou substantivo a que se liga [...]” (cf. Coelho 1891: 109).

Finalmente, em 1899, António Garcia Ribeiro de Vasconcellos (1860-1941) retoma a descrição do *verbo* como “[...] palavra por excellência [...]” e acrescenta o que segue:

[...] afirmando sempre a existência, um estado, uma qualidade, ou uma acção, que ordinariamente se attribue a uma ou mais pessoas ou cousas, precisa para isso de exprimir o *tempo* a que se refere a afirmação, a *pessoa* grammatical, o número [...], e os diversos *modos* que comportam a existência, estado, qualidade ou acção significada pelo verbo. Além disto o verbo precisa de exprimir em alguns casos, se a acção por elle significada é praticada ou é soffrida pelo sujeito; donde resulta a necessidade de duas *voces* distinctas em certos verbos. [...] (Vasconcellos [1899]: 132.)

Quanto ao verbo *ser*, assinala Vasconcellos que, “[...] quando não significa *existir* [...]”, constitui um elemento linguístico que “[...] não tem sentido sufficientemente definido e preciso, para constituir por si o predicado [...]”, necessitando, por isso, nesse caso, de um “[...] **nome predicativo** [...]” (Vasconcellos [1899]: 206). Considera, ainda, que o verbo *ser*, nas suas formas simples ou compostas, funciona como “[...] auxiliar [...]” da “fórmula masculina ou feminina, singular ou plural (segundo o sujeito pedir) [de um] [...] adjectivo verbal²⁵ [...]” constituído apenas a partir de um verbo funcionalmente ‘transitivo’, formando, assim “[...] toda a voz passiva [...]” (Vasconcellos [1899]: 185, 193-194; cf. 214; 267).

3 - REFLEXÃO FINAL

De entre as obras metalinguísticas escrutinadas – algumas de cariz lexicográfico e outras de distintos géneros gramaticográficos –, é possível extrair as seguintes ilações:

- até ao final do século XVIII, a influência do conhecimento, mais ou menos acurado, da língua latina, bem como da nomenclatura gramatical que facultava o entendimento de como funcionara tal língua, condicionou, substancialmente, na maioria dos casos, a compreensão dos estádios do Português com que se iam confrontando os estudiosos;

- a partir da segunda metade do século XVII até ao final do século XIX, verifica-se ora uma clara influência, não raro eclética, ora uma recepção crítica das ideias linguísticas de Antoine Arnauld, Claude Lancelot, Pierre

²⁵ Um dos usos que lhe aponta o Autor é o facto de “[...] [e]ntra[r] na constituição [...] das “[formas] de toda a voz passiva [...]” (Vasconcellos [1899]: 267).

Nicole (1625-1695), César Chesneau Du Marsais, Nicolas Beauzée, James Harris, Étienne Bonnot de Condillac, Antoine Court de Gébelin e François-Urbain Domergue, entre outros;

- em 1712, surge dicionarizado, por Rafael Bluteau, o termo gramatical *verbo auxiliar* aplicado ao item verbal em causa, o qual refletiria, inevitavelmente, a sua prévia integração na nomenclatura gramatical portuguesa, não obstante não haja sido sempre reconhecido;

- é em Francisco Solano Constâncio que se inicia uma aplicação, que nos parece ainda incipiente mas importante,²⁶ do método comparativo e histórico à análise do funcionamento do verbo *ser*, revelando-se, posteriormente, de forma claramente sustentada, o aprimoramento da aplicação desse método ao esclarecimento acurado do referido funcionamento – sob a égide, sobretudo, de Friedrich Diez e de August Schleicher (1821-1868), tributários de Franz Bopp (1791-1867) –, quer por via do labor de F. A. Coelho, quer por meio do aturado estudo de A. Epifânio da S. Dias, dois antagonistas em sintonia epistemológica;

- é Francisco Pedro Brou, em 1875/1876, quem, no respeitante ao emprego do verbo *ser* como ‘auxiliar’ da “voz passiva” (analítica), faz referência a um processo de ‘perda’ da ‘significação’ (de ‘afirmação da existência de um atributo num dado sujeito’) assumida pelo mesmo item linguístico enquanto ‘verbo substantivo’ (cf. Brou 1875/1876: 31), remetendo-nos, inevitavelmente, para o que, atualmente, conhecemos como processo de gramaticalização.

CORPORA BIBLIOGRÁFICOS

1 – Obras lexicográficas

Bluteau, R. 1712. *Vocabulario portuguez, & latino, [...] autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, [et] latinos*. Lisboa: Na Officina de Pascoal da Sylva, Impreffor de Sua Magestade.

_____. 1720. *Vocabulario portuguez, & latino, [...] autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, [et] latinos* [(Q-S)]. Lisboa: Na Officina de Pascoal da Sylva, Impreffor de Sua Magestade.

Constancio, F. S. 1836. *Novo Dicionario Critico e Etymologico da Lingua Portuguesa* [...]. Paris: Na Off. Typographica de Casimir; Editor, A. F. Carneiro.

Silva, A. de M. 1789. *Diccionario da Lingua Portuguesa composto pelo Padre D. Rafael Bluteau*, reformado, e acrescentado, tomos I e II. Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira.

²⁶ Não podemos esquecer-nos de que Friedrich Diez publica, em três volumes, a sua *Grammatik der romanischen Sprachen* entre 1836 e 1843, sendo a obra que intitula de *Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen* dada à estampa apenas em 1854.

_____ 1813. *Diccionario da Lingua Portugueza recopilado dos vocabularios impressoa até agora, e nesta segunda edição novamente emendado, e muito accrescentado*, tomo I. Lisboa: Na Typographia Lacerdina.

2 – Obras gramaticais ou glotológicas

Abreu, A. M. da S. P. 1852. *Novo methodo para aprender a grammatica portugueza*. Porto: Typografia de F. P. D’Azevedo.

Andrade Junior, F. F. de. 1850. *Grammatica das Grammaticas da Lingua Portugueza [...]*. Lisboa: Na Typographia das Sciencias e Artes.

Argote, J. C. de. 1725. *Regras da Lingua Portugueza, Espelho da Lingua Latina [...]* (segunda impressão). Lisboa Occidental: Na Officina da Muzica.

Assunção, C. 2000. *A Arte da grammatica da lingua portugueza de António José dos Reis Lobato. Estudos, edição crítica, manuscritos e textos subsidiários*. Lisboa: ACL.

Aulete, F. J. C. 1864. *Grammatica nacional*. Lisboa: Typ. da S. T. Franco-Portugueza.

_____ 1874. *Grammatica nacional* (oitava edição). Lisboa: Livraria de A. M. Pereira – Editor.

Bacelar, B. de L. e M. 1783. *Grammatica Philosophica, e Orthographia Racional da Lingua Portugueza [...]*. Lisboa: Na Offic. de Simão Thaddeo Ferreira.

Barbosa, J. S. 2004. *Gramática filosófica da língua portuguesa (1822)*, edição fac-similada, comentário e notas de Amadeu Torres. Lisboa: ACL.

Barros, J. de. 1971. *Gramática da língua portuguesa. (Cartinha, Gramática, Diálogo em louvor da nossa linguagem e Diálogo da viciosa vergonha)*, reprodução facsimilada, leitura, introdução e anotações de Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Publicações da FLUL.

Braga, T. 1876. *Grammatica portugueza elementar (fundada sobre o methodo historico-comparativo)*. Porto/Rio de Janeiro: Editora Livraria Portugueza e Estrangeira de João E. da Cruz Coutinho & A. A. da Cruz Coutinho.

Brou, F. P. 1875/76. *Grammatica particular ou Estudos sobre as principaes difficuldades da lingua portugueza coordenada segundo o Programa oficial para o estudo [...] nos lyceus*. Lisboa: Typ. Progressista de P. A. Borges.

Coelho, F. A. 1870. *Theoria da conjugação em Latim e Portuguez: estudo de grammatica comparativa*. Lisboa: Travessa da Victoria, 71.

_____ 1891. *Noções elementares de grammatica portugueza*. Porto: Lemos & C.a – Editores.

Constancio, F. S. 1831. *Grammatica analytica da lingua portugueza, offerecida á mocidade estudiosa de Portugal e do Brasil*. Paris/Rio de Janeiro: J. P. Aillaud/ Souza, Laemmert e Ca.

Dias, A. E. da S. 1870. *Grammatica practica da lingua portugueza para uso dos alumnos do primeiro anno do curso dos lyceus*, Porto: Typ. do 'Jornal do Porto'.

_____ 1878. *Grammatica portugueza para uso das aulas de instrucção primaria* (2.^a edição revista). Porto/Braga: Livraria Moré de F. da Silva Mengo – Editor.

_____ 1918. *Syntaxe historica portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira.

[Fonseca, P. J. da] 1799. *Rudimentos da Grammatica Portugueza, Cómmodos á Instrucção da Mocidade [...]*. Lisboa: Na Off. De Simão Thaddéo Ferreira.

Ferreira, F. S. 1819. *Elementos de grammatica portugueza, ordenados segundo a doutrina dos melhores gramáticos [...]*. Lisboa: Na Imprensa Régia.

Gama, C. M. da. 1721. *Regras da Lingua Portugueza, Espelho da Lingua Latina [...]*. Lisboa Occidental: Na Officina de M. P. da Sylva, & J. A. Pedrozo.

Lião, D. N. de. 1606. *Origem da Lingoa Portugueza*. Lisboa: Pedro Crasbeeck.

Leite, F. J. M. 1882. *Nova Grammatica Portugueza para uso dos lyceus e das escolhas normaes conforme os programmas officiaes*. Porto: Clavel & C.^a A. J. da Silva Teixeira.

_____ 1887. *Grammatica Portugueza dos lyceus, em que se contém toda a doutrina exigida pelo ultimo programma oficial [...]*. Porto: Eduardo da Costa Santos.

Lima, L. C. de. 1733. *Grammatica Franceza, ou Arte para aprender o Francez por meyo da Lingua Portugueza, regulada pelas notas e reflexoens da Academia de França*. Lisboa Occidental: Na Officina da Congregaçãõ do Oratorio.

Melo, J. C. do C. e. 1818. *Gramática filosófica da linguagem portugueza*. Lisboa: Na Impressão Régia.

Midosi, L. F. 1842. *Compendio de grammatica portugueza para instrucção da mocidade e uso das escólas*. Lisboa: Na Imprensa Nacional.

Oliveira, B. J. de. 1862. *Nova grammatica portugueza compilada de nossos melhores auctores*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

_____ 1864. *Nova grammatica portugueza compilada de nossos melhores auctores e coordenada para uso das escolhas* (segunda edição melhorada). Coimbra: Livraria de J. Augusto Orcel.

_____ 1880. *Nova grammatica portugueza compilada de nossos melhores auctores e coordenada para uso das escolhas*, (decima terceira edição). Coimbra: Livraria de J. Augusto Orcel.

Roboredo, A. de. 1619. *Methodo grammatical para todas as linguas*. Lisboa: Pedro Craesbeeck.

Silva, A. de M. 1806. *Epitome de grammatica da lingua portugueza*. Lisboa: na Officina de Simão Thaddeo Ferreira.

Vasconcelloz, A. G. R. de. [1899]. *Grammática portugueza*. Paris/Lisboa: Aillaud & C.ia.

Referências bibliográficas

Arnauld, A. & Lancelot, C. 1969. *Grammaire générale et raisonnée [...]*; avec les remarques de Ch. Duclos, nouvelle édition d'après l'édition de l'Imprimerie d'Auguste Delalain. Paris: Republications Paulet.

Arnauld, A. & Nicole, P. 1967 [1662]. *La logique ou l'art de penser [...]*, nouvelle impression en facsimilé de la première édition de 1662, [Paris: I. Guignart, Ch. Savreux & I. de Launay,] édité par B. Baron von F. Löringhoff & H. E. Brekle, tome I. Stuttgart–Bad Cannstatt: F. Frommann Verlag.

Beauzée, N. 1767. *Grammaire générale, ou expofition raifonnée des elements neceffaries du langage, pour ferver de fondement à l'etude de toutes les langues*, tomes I & II. Paris: De l'imprimerie de J. Barbou.

_____. 1786. Verbe. In *Encyclopédie méthodique. Grammaire et littérature*, [...], tome III, partie II. Paris/Liège: Panckoucke/ Plomteux, 620, col. 1 - 626, col. 1.

Condillac, É. B. de. 1947. Cours d'études pour l'instruction du Prince de Parme. In *Œuvres philosophiques de Condillac*, texte établi et présenté par Georges le Roy, vol. 1. Paris: Presses Universitaires de France, 395-776.

Court de Gébelin, A. 1778. *Monde primitif analysé et comparé avec le monde moderne, confidéré dans l'hiftoire naturelle de la parole[,] ou grammaire univerfelle et comparative [...]*, nouvelle édition. Paris: chez l'Auteur, Boudet, Imprimeur-Libraire, Valleyre l'aîné, Imprimeur-Libraire, et alii.

Du Marsais, C. Ch. 1987. *Les véritables principes de la grammaire et autres textes (1729-1756)*, texte revu par F. Douay-Soublin. Tours: CNL/ Libr. A. Fayard.

Harris, J. 1796 [1751]. *Hermès, ou recherches philosophiques sur la grammaire universelle*, ouvrage traduit de l'anglois, de J. Harris, avec des remarques et des additions, par F. Thurot. Paris: Imprimerie de la République.

Robinet, A. 1978. *Le langage a l'âge classique*. Paris: Éd. Klincksieck.